

Madalena, figura que se confunde com a paisagem de Piracicaba

Elen Lima

Lenço colorido na cabeça, brincos grandes, várias pulseiras, anéis chamativos, calça jeans e tamancos plataforma. Luis Antonio Leite, que não tem preferência pela maneira como é chamado, será aqui citado pelo nome como é conhecido por todos em Piracicaba: Madalena. Homossexual, não faz questão alguma de ser reconhecido como “ele” ou “ela”.

“Pode me chamar como quiser”, diz, com um sorriso guardado para todos os momentos. Receptiva, bem humorada e simpática, Madalena é delicada e tem instinto de proteção para com as crianças e os desprotegidos. A origem de seu nome é inusitada: “Trabalhava para uma república de alunos de direito que se chamava Canecão. Certo dia, os meninos fizeram uma brincadeira e decidiram sortear um nome feminino, desde que eu concordasse com o escolhido, claro”. Nasceu aí a carismática e folclórica Madalena.

Sem vícios e batalhadora, não se priva de falar com orgulho sobre o que mais gosta de fazer: ajudar o próximo. A começar pela função extra exercida na Secretaria Municipal de Educação, onde é contratada como secretária. Ela também cozinha para os funcionários que pagam um valor simbólico mensalmente. Além dos serviços administrativos, faz café e atende aos telefonemas de pessoas que procuram por ajuda. Tudo ao mesmo tempo. O rádio ligado na cozinha toca músicas agitadas, talvez para embalar o pique de Madalena, que ao mesmo tempo retira água fervendo do fogo, coloca nas garrafas de café, conversa com os demais funcionários e na seqüência encoraja a repórter: “Pode continuar perguntando, bem”.

Em sua comunidade, no Boa Esperança, onde é presidente da associação de moradores e representante da escola, realiza um trabalho que traduz bem o nome do bairro. Luta por ampliação da creche e sempre faz questão de conseguir brinquedos e guloseimas para as crianças nas datas comemorativas. “Temos 450 crianças na fila de espera da creche. Não acho justo que mães que não trabalham tirem o lugar de quem tem emprego e não tem com quem deixar o filho”.

Sua vontade de lutar é conhecida de todos que a procuram para tentar resolver os mais variados problemas. “Quando me candidatei à vereadora, na época do prefeito

João Hermmman, consegui mais de mil votos pelo PPS”, surpreende-se. Tanto que quer se candidatar novamente em 2008 e diz já contar com o apoio de muita gente. Acha que a política tem muita sujeira, mas seu negócio é pôr a mão na massa e “fazer tudo certo”.

Figura histórica de Piracicaba, Madalena tem 51 anos, mas reflete a alegria e disposição de uma jovem de 25. Passeando pelo centro, facilmente é reconhecida e chama a atenção de todos. Mesmo porque faz questão de que se voltem à sua pessoa quando faz gracejos com os homens. A maioria acha engraçado e acaba entrando na brincadeira.

Madalena gosta de forró e de carnaval de rua. “Aos fins de semana vou para Raia, perto de São Pedro, para dançar forró”. Também se identifica bastante com circo, talvez por ter ajudado a cuidar dos filhos de uma família circense quando era adolescente.

Na vida amorosa, Madalena também não deixa por menos: teve muitos namorados e morou com alguns. Mas, como admite ser muito organizada e gostar das coisas “no lugar”, não consegue morar junto: “Prefiro assim”. Também não quer filhos, “mesmo porque não dá”, mas pretende batizar alguma criança para deixar sua casa de herança.

Natural de Piracicaba, desde criança Madalena é interessada em coisas de menina. Sempre gostou de usar os vestidos da irmã gêmea. Morava com a mãe, Luísa Leite, o padrasto, Inácio de Moura, e mais quatro irmãs, além de outros dois, que já faleceram. O verdadeiro pai, nunca conheceu, e aos 14 anos saiu de casa por ter problemas com o padrasto, que não aceitava seu comportamento.

Um ano antes, quando manteve a primeira relação sexual com um homem mais velho, o padrasto a mandou para uma chácara onde estavam diversos meninos “problemáticos”. Inácio queria tentar “resolver a situação”. De nada adiantou, pois ela nunca demonstrou qualquer interesse por mulheres e sempre apanhava quando se manifestava como uma perante o padrasto.

Problemas desse tipo, contudo, Madalena só teve com Inácio. Em Piracicaba todos a respeitam, ao contrário de outras colegas que ainda sofrem agressões físicas e morais. “A maioria das minhas colegas (que trabalham nas ruas) fazem sexo por dinheiro porque muitas passam fome e não conseguem emprego. Graças a Deus, nunca precisei disso”.

A mãe sempre esteve a seu lado, mas isso não bastou para que Madalena continuasse em casa. Passou fome, dormiu em banco de igreja e muitas vezes comeu o que as pessoas lhe davam. Trabalhando em serviços domésticos, o que sabia fazer, conseguiu algum dinheiro e alugou um quatinho no bairro Coréia, às proximidades da Santa Casa de Misericórdia.

A vida mudou de rumo quando foi apresentada a uma advogada e deputada estadual, que ofereceu abrigo em sua casa em troca de afazeres domésticos. “A Ditinha Penezzi me ensinou serviços domésticos e me levou para a escola”. A nova família de Madalena se preocupava com seu futuro e era exigente. Ela demonstra bastante carinho quando fala dos Penezzi e afirma que aprendeu muito com a patroa.

Madalena estudou até a 5ª série e não pretende voltar para a escola. “Meu tempo já foi”. Sua preocupação, agora, é com o destino do pessoal do Boa Esperança e a política, que pretende utilizar para conquistar benefícios para a comunidade. Popularidade é o que não lhe falta, e se sua candidatura depender só disso, Madalena será vereadora em 2009.